

FERREIRA DE CASTRO

A LÃ E A NEVE

ROMANCE

«ESTAMOS DIANTE DE UM DOS MAIORES
ROMANCES DA LÍNGUA PORTUGUESA DESDE
O CRIME DO PADRE AMARO, OS MAIAS
E O PRIMO BASÍLIO.»

A. RAMOS DE ALMEIDA



cavalo de ferro

Sobre Ferreira de Castro

Guedes de Amorim: «uma absoluta superioridade sobre todos os nomes da sua geração», in *Jornal de Noticias*

M. Rodrigues Lapa: «um dos nossos mais elegantes prosadores», in *Estilística da Língua Portuguesa*

Óscar Lopes: «Ferreira de Castro foi o primeiro grande romancista português deste século que se determinou por problemas objectivos e não apenas por impulsos íntimos», in *O Comércio do Porto*

Jorge Amado: «Com a arma da literatura ajudou a transformar o mundo. Foi verdadeiro escritor de nossa época, sendo, como queria Gorki, ao mesmo tempo coveiro e parteiro, coveiro de um mundo caduco, de um tempo podre, parteiro de um mundo novo, de um tempo alegre e livre», in *Diário de Lisboa*

Agustina Bessa-Luís: «A obra de Ferreira de Castro é como a dum filósofo pastoral: vive da resistência que faz às desgraças do seu século», in *Memoriam de Ferreira de Castro*.

José Rodrigues Miguéis: «Assentes na experiência pessoal do autor, sobressaem a funda humanidade e a capacidade evocativa, que uma linguagem plástica essencialmente sublinha», in *Memoriam de Ferreira de Castro*

Fernando Namora: «se houve escritor que mostrou quanto a libertação intelectual é indissolúvel da libertação social e por esta se bate, se houve, em suma, escritor "humanista", esse foi Ferreira de Castro», in *Memoriam de Ferreira de Castro*

Sobre *A Lã e a Neve*

Joaquim Manso: «Obra fundamental da nossa época», *Diário de Lisboa*

Jorge Amado: «De todos os romances de Ferreira de Castro, se é *A Selva* que mais me toca pelo tema brasileiro da Amazônia, é *A Lã e a Neve* o que mais amo.»

Manuel da Silva Ramos: «estamos perante uma obra literária não só bela, mas bem documentada e de um humanismo profundo. Diante disto, que mais poderemos exigir à literatura?» in *A Lã e a Neve de Ferreira de Castro – Releituras, Travessias, Metamorfoses*.

Mário Dionísio: «Nenhum outro [livro] me ofereceria, a um tempo, tanto interesse de aplauso e de discordância como ele, nenhum outro me provocaria neste momento, tanto desejo de pensar e escrever sobre literatura como ele» in *100 Cartas a Ferreira de Castro*, Carta de 8 de Agosto de 1947

Ricardo António Alves: «as cenas fluem ao longo do romance com a maior harmonia, por mais tensas e dramáticas que sejam, sem que o leitor veja as costuras da trama, revelando o extraordinário domínio da arte de contar uma história» in *C@striana*

ÍNDICE

PÓRTICO.....	9
PRIMEIRA PARTE	13
SEGUNDA PARTE.....	113
TERCEIRA PARTE.....	259

PÓRTICO

Os primeiros teares criaram-se, em já difusos e incontáveis dias, para a lã que produziam os rebanhos dos Hermínios. O homem trabalhava, então, no seu tugúrio, erguido nas faldas ou a meio da serra. No Inverno, quando os zagais se retiravam das soledades alpestres, os lobos desciam também e vinham rondar, famintos, a porta fechada do homem. A solidão enchia-se dos seus uivos e a neve reflectia a sua temerosa sombra. A serra, porque só a pé ou a cavalo se podia vencer, parecia incomensurável, muito maior do que era, e de todos os seus recantos, de todos os seus picos e refegos brotavam superstições e lendas — histórias que os pegureiros contavam, ao lume, a encher de terror as noites infindas.

O homem viera para ali há muitos séculos, mas poucos tinham sido e poucos eram ainda os que levantavam o seu abrigo de granito nos sítios mais propícios; e, quando o faziam, achegavam-se uns aos outros, como se se quisessem defender da bruteza circundante. Os génios da montanha e as fúrias do céu possuíam, assim, quase toda a majestosa extensão da serrania, ermáticos domínios onde podiam transitar com passos de fantasmas ou bramir livremente.

No começo do Verão, antes de demandar os altos da serra, ovelhas e carneiros deixavam, em poder dos donos, a sua capa de Inverno. Lavada por braços possantes, fiada depois, a lã subia, um dia, ao tear. E começava a tecelagem. O homem movia, com os pés, a tosca construção de madeira, enquanto as suas mãos iam operando o milagre de transformar a grosseira matéria em forte tecido. Constituía o acto uma indústria doméstica, que cada qual exercia em seu proveito, pois a serra não dava, nessas recuadas eras, mais do que lã e centeio.

Pouco a pouco, porém, foi sendo tradição no reino que os homens da Covilhã e suas redondezas eram mestres, como nenhuns outros, em tecer bifas, almafegas e buréis. Então, os monarcas e seus acólitos acabaram atentando nesses tecelões dispersos pelas abadas da serra; e com ordenações, pragmáticas, alvarás e regimentos, ora os estimulavam em seu solitário labor, ora os constrangiam sob pesadas sisas. Da Flandres vinham panos concorrentes, que exibiam mais esmerada tessitura; apesar disso, os humildes teares continuavam a mover-se, alimentados pelos rebanhos da Estrela.

Depois, Portugal descobriu longínquas terras e também a rota marítima da Índia; e houve que vestir a muitas gentes exóticas, a troco do que elas, forçadas ou voluntariamente, entregavam aos descobridores. E os teares da serra multiplicaram-se. Cada tecelão trabalhava, ainda, no seu casebre, de lume aceso no Inverno e porta escancarada no Estio. A maior casa pertencia, então, ao deus do povoado. Mas um dia, na Covilhã, ergueu-se uma casa maior do que a do deus. Era a primeira fábrica de tecidos. Muitos tecelões deixavam a faina individual e iam trabalhar em conjunto. Da Inglaterra e da Irlanda chegavam outros homens para lhes ensinar os últimos progressos da sua arte. A lã da serra já não bastava; ia-se mercá-la ao Alentejo e a outras terras do país. E os teares começaram a vestir os exércitos reais. Cada século aportava novos aperfeiçoamentos à tecelagem e levantava novas fábricas nas margens das duas ribeiras que desciam da serra, cantando, a um lado e outro da cidade.

Um dia, tudo se revolucionou. Já não se tratava de melhores debuxos, de mais gratas cores, mas de coisa mais profunda – da produção automática. Lá nas nevoentas terras inglesas o padre Cartwright inventara o tear mecânico. A água, fazendo girar grandes rodas, começara a produzir o movimento dado, até aí, pelos pés do homem. Mas continuavam a ser precisos os homens junto das novas máquinas.

Os serranos, que nas solidões da Estrela ora pastoreavam as suas ovelhas, ora teciam a lã que elas forneciam, tornaram-se cada vez mais raros. A maioria entrara nas fábricas. Eles tinham

de pautar, agora, a sua vida por um salário fixo, chegasse ou não chegasse para as exigências de cada dia. Isso, porém, carecia de importância; ninguém pensava em aumentar-lhes os ganhos, pois havia de se ter sempre em conta o preço da mão-de-obra para a concorrência dos tecidos nos mercados.

Os homens passavam os dias e as noites dentro das fábricas, só saindo aos domingos, para olvidar o cárcere. Já não viam as ovelhas, nem ouviam o melancólico tanger dos seus chocalhos nos pendores da serra, ao crepúsculo; viam apenas a sua lã, lã que eles desensurravam, que eles lavavam, cardavam, penteavam, fiavam e teciam, lã por toda a parte.

A indústria ia crescendo sempre. Agora não eram grandes apenas a casa do deus dos homens e as casas das fábricas; ao lado destas, outras casas grandes tinham surgido – as residências dos industriais. E todo o país falava da prosperidade da Covilhã.

Mais tarde, operou-se nova revolução. As enormes rodas que giravam nas ribeiras detiveram-se: o poder da água fora substituído pelo da electricidade. E fábricas existiam onde já laboravam pais, filhos e netos. Os centos de tecelões que, outrora, viviam nos lugarejos da serra, tinham-se multiplicado e constituíam, agora, milhares. Ladinhas personagens, que, de magros dinheiros dispoño, compravam o fio a uns, mandavam-no tecer a outros e a terceiros vendiam os panos, acabaram desaparecendo também, devoradas pelos industriais poderosos. E só ficavam as grandes fábricas, com seus milhares de operários.

A lã do país já não chegava; tinha-se de procurá-la em terras estrangeiras. Da Austrália, da Nova Zelândia, da África do Sul, passaram a vir grandes carregamentos. Rebanhos distantes alimentavam, através dos mares, as fábricas quase escondidas nas ribeiras da Estrela.

A indústria sofria, porém, constantes oscilações. Ora fabricava sem descanso, ora, por escassez de matéria-prima ou parco consumo, diminuía os dias de seu trabalho. Então, homens e mulheres, que à lã haviam entregue a sua vida, defrontavam-se com uma miséria mais descarnada ainda do que a normal. Com seu fabrico

reduzido, a Covilhã, em vez de exportar panos, passara a exportar raparigas para o meretrício de Lisboa.

A sujeição ao destino comum criara, todavia, alguns vínculos entre os descendentes dos primeiros tecelões. No século xx, mais do que sons de flautas pastoris descendo do alto da serra para os vales, subiam dos vales para o alto da serra queixumes, protestos, rumores dos homens que, às vezes, se uniam e reivindicavam um pouco mais de pão.

PRIMEIRA PARTE
OS REBANHOS

Logo que as cabras e as ovelhas entestaram à corte, o «Piloto» deu por findo o seu trabalho. E antes mesmo de o pastor, que lhe aproveitava os serviços, se dirigir a casa, ele meteu ao extremo da vila. Rabo entre as pernas, focinho quase raspando a terra, ia triste, cismático, como perro vadio de estrada, descoroçoado da vida. Subitamente, porém, sorveu no ar algo que lhe era conhecido. A cauda ergueu-se num ápice, formando volta que nem cabo de guarda-chuva; a cabeça levantou-se também e nela luziram os olhitos até aí amortecidos. «Piloto» estugou o passo. O caminho estava cheio de tentações, de paragens obrigatórias, estabelecidas por todos os cães que passaram ali desde que Manteigas existia, desde há muitos séculos. Forçado a deter-se, ele regava, à esquerda e à direita, rudes pedras, velhos castanheiros, velhos cunhais, mas fazia-o alegremente e com o visível modo de quem leva pressa. Em seguida, voltava a correr no faro do seu dono. Cada vez o sentia mais perto e cada vez era maior o seu alvoroço. Por fim, lobrigou-o. Horácio estava junto de Idalina, também conhecida de «Piloto»; estavam sentados num dorso de rocha que emergia da terra, ao cabo das decrepitas e negrentas casas do Eirô, no cimo da vila. E tão atarefado parecia Horácio com as palavras que ia dizendo à rapariga, que não deu, sequer, pela chegada do cão. Vendo-o assim, «Piloto» hesitou um instante, enquanto agitava mais a cauda e tremuras de alegria lhe percorriam o corpo. Logo se decidiu. E, humilde, foi colocar o focinho sobre a coxa do amo, como era seu costume quando este o chamava, à hora da comida, nos dias em que os dois andavam pastoreando o gado, lá nos picarotos da serra. Só então o amo deu por aquela presença. Ele regressara

nessa tarde do serviço militar e, no entusiasmo de ver pai e mãe, os vizinhos e, sobretudo, Idalina, não se havia lembrado ainda do seu antigo companheiro. Agora, porém, afagava-lhe a cabeça e metia, enternecido, um parêntesis na narrativa que estava fazendo:

– Olha o «Piloto»! O meu «Piloto»!

Idalina desviou ligeiramente os olhos para o cão e voltou a fixá-los na rocha, com aquele mesmo ar preocupado que tinha quando o bicho chegara. Houve um pequeno silêncio e Horácio voltou ao tom de voz anterior:

– Como eu ia a dizer, o quartel de artilharia antiaérea prantava-se mesmo à beira do mar. Viam-se passar os navios, que iam para Lisboa. Às vezes, era cada um, tão grandalhão, que dentro dele ninguém podia ter medo de afundar-se. Ali perto ficava o Estoril. Tu já ouviste falar no Estoril? Aquilo é que é uma terra bonita! É como um jardim a perder de vista. Só te digo que lá até os pinheiros parecem árvores mansas! Nalguns, as roseiras trepam por eles arriba até chegar mesmo aos galhos. E todas as estradas são mais limpinhas do que o chão de uma igreja! Nas horas de dispensa, eu nunca me fartava de ver aquilo. Há lá automóveis por toda a parte e pessoas que falam o raio de umas línguas que a gente não percebe nada...

De súbito, Horácio pôs freio à sua loquacidade. Pela atitude e teimoso silêncio de Idalina, compreendeu que ela, desinteressada de quanto ouvia, pensava noutra coisa, aguardando que ele voltasse ao caminho de onde se desviara. Com a mão, Horácio afastou da sua perna a cabeça do «Piloto» e justificou-se:

– Eu estava a falar disto só por mor das casas... Tu não podes imaginar! As dos industriais daqui nada são comparadas com as que lá se vêem! Há-as de todos os feitios e lindas a valer! Todas estão no meio de jardins e, mesmo no pino do Inverno, têm flores. Eu passava horas a andar em frente delas e a olhar para dentro. Então eu ia pensando que ali é que se podia viver bem e ter muitos filhos e não aqui, na nossa terra. Depois, eu via que não gostava muito daquelas casas grandes. Parecia-me que, se uma delas fosse minha, me perderia lá dentro. Aquilo estava bem para gente com

outros costumes, gente rica, que gosta de se deitar em quartos separados e de ter muitas salas. Não para mim, que quero dormir sempre agarrado a ti...

Horácio riu, contemplando-a e desejando contagiá-la com o seu fervor. Mas o sorriso dela foi tão melancólico, coisa tão a despegar-se dos lábios, tanto de deitar fora, que ele protestou:

– Não ponhas essa cara de enjoo, que até me dás raiva! O que eu pensei não é nada contra ti. Vais ver! – Tornou a mudar de tom: – Um dia, fui além do Estoril, a um lugar chamado Parede, que fica ali perto. É de menos luxo, mas também muito limpo. Foi lá que eu encontrei uma casa pequenina, mas engraçada a valer. Se a visses! – A sua mão indicou o fim da congosta: – Olha: pouco mais ou menos do tamanho daquela ali, da tia Luciana, mas, em vez de ser assim negra, era toda branquinha e com as janelas pintadas de verde. E, em volta, muitas plantas. Eu pensei logo que uma casita assim é que estava mesmo a calhar para nós, não lá, já se vê, mas aqui. Podia ter outro feitio, para ficar ainda mais barata. O que eu queria era ter uma casa aseada e alegre e não com burros por baixo, como se vêem por aí. Foi por isso que eu te disse que devíamos deixar para mais tarde o nosso casamento...

Pela primeira vez, depois que ele alvittrara aquilo, Idalina pronunciava-se:

– Estás muito mudado... Se ainda gostasses de mim, não me dirias isso...

Ele olhou-a com olhos sorridentes e glutões:

– Ora essa! Se estivéssemos num lugar em que ninguém nos visse, havia de te morder tanto a boca que já não falavas assim! Se é também por ti, minha tola, e pelos nossos filhos! Pois eu quero que me dês muitos filhos, que se pareçam contigo. Percebes? Ainda esta manhã eu vinha no comboio a pensar como serei feliz quando tivermos crianças. Mas eu não quero que elas vivam num chiqueiro, como vivem muitas daqui. Se tu visses como lá, no Estoril, se tratam as crianças! Aquilo, sim, é que é saber criar filhos! Eles andam em carrinhos quando têm poucos meses e, depois, quando são mais crescidos e vem o Verão, brincam na praia

e nos jardins das casas, que é mesmo um regalo vê-los. Tu sabes que eu sempre gostei de crianças. E, até por causa disso, uma vez apanhei lá um susto. Eu estava a ver uns petizes a brincarem num jardim, quando o dono da casa, que ia a entrar, me disse com maus modos: «Se você continua aqui a desinquietar a minha criada, eu faço queixa ao seu comandante!» Eu nem vira nenhuma criada, mas não pude explicar-lhe, porque ele voltou-me logo as costas. Parece que o homem tinha adivinhado que eu estava há pouco na tropa e que ainda era lorpa. Durante alguns dias andei com medo de vir a ser castigado... Bom! Está bem de ver que os nossos filhos não podem ser criados como os de lá, porque nós somos pobres, mas podemos ter uma casinha limpa para eles e para nós. Demais a mais, não foi só no Estoril que eu vi casas assim; em muitas partes as há. Eu, antigamente, é que não reparava nelas...

Idalina interrompeu:

— E onde tens tu o dinheiro?

Optimista e confiante naquele poder de adaptação e de trabalho que ele sentia, instintivamente, em si próprio, Horácio não vacilou:

— Arranjo-o! Não o tenho, mas arranjo-o! Por quatro ou cinco notas compro ao tio Bernardo um pedaço de monte, ali em cima, que é lugar soalheiro. E se não for ali, será noutra parte. Eu não desejo grande coisa. Com meia dúzia de contos devemos pôr a casa em pé. Basta que ela tenha dois quartos, um para nós, outro para quando as crianças forem crescidas, uma sala de jantar, a cozinha e uma latrina pegada. Se adregar haver perto uma pedreira, já faremos uma economia. Eu mesmo, aos domingos e em todas as horas que puder, arranjarei a pedra. Mas, é claro, sempre são precisos pedreiros e carpinteiros. E, para isso, tenho de arranjar maneira de poder forrar algum dinheiro. Já pensei muito no caso, que julgas? A guardar ovelhas é que eu não morro! Hei-de arranjar outro trabalho, onde ganhe mais. — Baixou a voz, como numa confidência: — Quando me licenciaram e antes de vir para aqui, eu procurei em Lisboa... A ver se me empregava... Enquanto estive no quartel, ensinaram-me alguma coisa de ler e de escrever, pois eu, quando fui para a tropa, era uma desgraça; pouco mais sabia do

que as primeiras letras. Assim, sempre posso governar-me melhor. Ainda ontem, de manhã, fui a duas casas, a dois armazéns de vinhos, no Poço do Bispo. Não arranjei emprego porque não tinha ninguém de peso que me recomendasse. O pai de um soldado que se tornou meu amigo acompanhou-me, mas como é gente pobre, quando ele falava eu percebia que os patrões lhe ligavam pouca importância. Foi por isso... Mas eu tenho outras pessoas. Não garanto que possa forrar num ano ou dois todo o dinheiro preciso para a casa; mas estando a ganhar bem, logo arranjo quem me empreste o resto, para eu pagar, depois, aos poucos. Mas... que tens tu?

Dois lágrimas desciam pelas faces de Idalina. Ele repetiu, surpreendido:

– O que tens? Por que choras?

Ela começou a soluçar:

– Se tivesses muito amor por mim, não tinhas querido ficar em Lisboa, depois de saíres da vida militar... Quando começou a guerra, eu nem podia dormir. Como tu eras soldado e muitos diziam que Portugal, mais dia, menos dia, também havia de entrar na guerra, até se me partia o coração por tua causa. Bem tola eu era! Eu, aqui, a padecer e tu, agora, sem nenhuma pressa de vires. Porque mentiste há pouco, dizendo que estavas mortinho por me ver?

Horácio exaltou-se:

– E estava! Deixa-te de tolices, anda! Uma coisa não tem nada com a outra! Eu estava doido por vir, por te ver... Mas era por tua causa que eu ficava se tivesse arranjado alguma coisa de jeito...

– Cada vez te vejo mais mudado... – choramingou ela ainda. – Essas terras por onde andaste fizeram-te mal...

Horácio tentou sorrir:

– O que diriam os outros recrutas se te ouvissem falar! Eles que ficaram cheios de inveja quando eu fui mandado para a artilharia antiaérea! Todos eles gostavam de ir, porque assim podiam ver Lisboa, que ficava a dois passos... Mas vá; deixa-te disso! Limpa-me essa cara! Se eu mudei, foi para melhor. – Pegou-lhe numa das mãos, apertou-lha e olhou os olhos dela: – Compreendes?

Com as costas da outra mão, Idalina enxugou o rosto de faces largas, morenas, e boca de lábios grossos – lábios que a ele apeteçiam veementemente, embora preferisse ver o de cima sem essa penugem que anunciava um futuro bigodito, semelhante ao da mãe dela...

– Bem... Por que não nos casamos e, depois, vamos fazendo a casa, pouco a pouco?

Ele acorreu em defesa do seu critério:

– Não é a mesma coisa! Também já pensei nisso, mas vi que não era a mesma coisa. Vêm os filhos, há mais responsabilidades e não se pode pôr vintém de lado. Pensei muito nisso. Ou julgas que só tu tens pressa? – A sua mão apertou mais a mão dela: – Se soubesses!...

– Alugávamos uma casa, como se tinha combinado... – teimou Idalina. – É o que todos fazem. Poucos são os que têm casa sua. Por que havemos de querer ser mais do que os outros?

– Eu não quero ser mais do que os outros. Mas quero ter uma casa que me dê alegria. A gente aluga um destes poleiros daqui, acostuma-se, vai-se desmazelando e deixando ficar. Quando menos nos precatamos, a família cresceu e – pronto! – já não se pode fazer nada. Não quero isso! Quando fizermos a boda, o quarto e toda a casa hão-de ser novos e só nossos. E quando ficarmos sozinhos, eu hei-de atirar-me a ti, como um lobo... aos beijos. Assim... – Ele estendeu os lábios: – Assim... Muitas vezes, eu imaginava isto, quando me deitava lá no quartel e apagava a luz. Começava a pensar em ti e era como se já tivéssemos acabado de casar. Pensava tanto que não podia dormir e até me vinham dores de cabeça...

Anoitecia. Nos topos da serra ainda havia rósea claridade, mas, cá em baixo, boiavam sombras cada vez mais densas. Com suas altivas lombas, as ramificações da montanha cercavam, de todas as bandas, a vila postada quase no fundo do grande vale, ao pé do Zêzere, que na paz crepuscular adquiria voz forte, correndo e cantando entre os penedais do seu leito. A luz parecia desprender-se, como um véu, da imensurável cavidade, deixando

ainda vermelhar a telha francesa das casas abastadas, enquanto os negros telhados dos pobres se somavam já à escuridão que avançava. Nas encostas, os pinheiros formavam mancha compacta e, nos vastos soutos, os castanheiros, de arredondadas frondes, dir-se-iam sem troncos – apenas largas copas pousadas nos pendores, como um acampamento aguardando a noite.

Idalina procurou soltar a sua mão de entre as mãos de Horácio:

– Vou-me embora. Faz-se o que tu quiseres. É pena, porque eu e a minha mãe já tínhamos arranjado umas coisitas para o enxoval e todo o povo estava à espera de que o nosso casamento fosse logo depois de tu voltares da vida militar, como tínhamos dito.

A sua voz mostrava-se tão melancólica, tão passiva, que ele comoveu-se:

– Não se faz o que eu quiser, não, senhor! Só se faz o que eu quiser, se tu quiseres também. Eu acho que é uma asneira, pois somos ainda novos e podíamos esperar. Tu ainda não fizeste vinte anos e eu poucos mais tenho. Dois ou três anos levaríamos a levantar a casa e podíamos começar a nossa vida em melhores condições. Mas se tu não quiseres, paciência! Às vezes, até desejo que tu não queiras... Porque eu estou a dizer-te isto e, ao mesmo tempo, estou mortinho por fazer o contrário. Compreendes?

Ela não respondeu logo. O «Piloto», que havia desaparecido, voltara a deitar-se junto da rocha, aos pés deles. A sombra da noite ia já meia encosta e lá em baixo, na ruela, a tia Joana Pucareira passava com um molho de lenha à cabeça.

No seu silêncio, Idalina transigia, lentamente. Depois das últimas palavras de Horácio, aquela ideia acamava-se, com mais facilidade, no seu espírito. Agora, ele parecia-lhe sincero.

– Talvez seja melhor como tu dizes – murmurou ela, por fim. – Pensando bem, talvez seja melhor. Custa-me muito, mas faz-se assim, como tu queres...

– Já te disse que também a mim me custa. Mas quando penso que, ao voltar do trabalho, tu estarás à minha espera numa casinha nova e que as crianças terão um chão limpo, sinto uma grande alegria. Havemos de ser muito felizes, verás!

Num impulso, estendeu os braços, para apertá-la. Ela afastou-o:
 – Não... Não... Podem ver-nos! Vamo-nos embora, que já é tarde...

O lusco-fusco apardaçara toda a terra, desde o vale às cristas das Penhas Douradas. Dir-se-ia que uma poalha escura e flutuante envolvia tudo, as casas dos homens e os fojos dos lobos, nos declives abruptos, e se apossava do próprio céu.

Os dois levantaram-se. Depois do longo diálogo, ela voltava a olhar direito para ele. Parecia-lhe, na ténue obscuridade, ainda mais forte, mais másculo do que quando partira dali. Ela, agora, sentia orgulho de vir a tê-lo por marido e, ao mesmo tempo, melancolia por não o ter já.

Iam caminhando, calados, um ao lado do outro. Por vezes, os seus corpos tocavam-se. Esse roçar de ombros, que parecia casual, provocava-o Horácio, obediente a uma ideia fixa. A cada passo, os olhos dele vasculhavam os arredores. Não havia ninguém. A luz, que saía de frinchas e de postigos, projectava-se sobre as pedras e a lama da ruela e tornava-se cada vez mais viva na noite nascente. Um vulto surgiu, ao longe, mas logo entrou num dos casebres. Ao passarem sob as janelas da tia Luciana, ele ainda olhou para cima. Encontravam-se fechadas. Idalina dera pelas precauções dele, presentia o seu intento e desejava a mesma coisa, mas fingia-se distraída. «Ali seria melhor – pensou – do que no penedo, que estava mais à vista».

Horácio estendeu o braço e atraiu-a a si. Ela ainda simulou reagir, mas logo as suas bocas se colaram. E já uma das mãos dele descia para os seios dela, numa carícia, quando se ouviu algo que rangia, timidamente. Horácio levantou os olhos e adivinhou, mais do que viu, a caratula da velha Luciana à sua janela acabada de abrir.

Idalina ficara perturbadíssima. Ele, porém, sorriu, bonacheirão, e falou para cima:

– Bico calado, tia Luciana, se não quer que lhe caia um raio em casa. Entendeu?

A velha, em vez de responder, fechou estrepitosamente a janela, mas logo voltava a abri-la, curvava-se no peitoril e gritava, furiosa e escandalizada, para Idalina:

– Pouca vergonha! Andar aí pelos caminhos, como as cadelas! Não pode esperar, a princesa! Vê-se cada coisa nestes tempos!

Antes que recebesse troco, tia Luciana cerrou a janela, novamente com violência.

Idalina começara a andar, apressada. Ele seguia-a com dificuldade, sorrindo ainda, ocultando o seu nervosismo. Percebeu que ela chorava.

– Deixa lá! – consolou. – É feitio da velha, bem sabes. Não casou, não teve quem a quisesse. Não te rales... Ora esta! Então o diabo não queria que eu passasse tanto tempo fora daqui e, ao voltar, nem ao menos te beijasse? O estupor esteve, com certeza, a espreitar-nos por detrás dos vidros toda a tarde...

– Vai encher tudo, por aí... – murmurou Idalina.

– Não vai... Mas se for, acabou-se! Não vamos nós casar?

Tinham começado a descer a congosta. Era uma rua estreitíssima, que cheirava a burros, a porcos e a fumo de ramos verdes. Dela partiam outras tortuosas vielas, que terminavam em pátios ou dobravam em cotovelos, cruzando-se, avançando para sombrios recantos, numa sugestão de labirinto. As casas, negregosas, velhentas, colavam-se umas às outras, com a parte inferior de granito escurecido pelo tempo e a parte cimeira com folhas de zinco enferrujadas a revestirem as paredes de taipa, mais baratas do que as de pedra. Este e aquele casebre exibiam apodrecidas varandas de madeira e outros, mais raros, umas escadas exteriores, coroadas por um patamarzito quadrado, logradouro do mulhredo nas horas do paleio com as vizinhas. Algumas das portas e janelas estavam abertas e, atrás delas, pairava a rúbida claridade do fogo que, lá dentro, cozinhava a ceia. Figuras de homens, mulheres e crianças, as suas caras tocadas pelo fulgor do lume, andavam no acanhado espaço doméstico, cirandavam numa confusão de movimentos humanos e de trapos dependurados.

Calcando as pedras abauladas e irregulares da rua onde, no Inverno, as enxurradas faziam correr todos os detritos, os detritos

que, no Verão, secavam, cheios de moscas, ao bom sol da serra, Horácio procurava distrair Idalina:

– Vês? É isto que eu não quero. Quanto melhor é uma casinha como a que eu penso!

Ela não respondia, sempre lesta no seu passo curto, zape-zape ladeira abaixo. Por fim, deteve-se. Estavam em frente da sua casa, igual à maioria das outras, com duas portas sobre a rua, uma sempre fechada, que eles, de tão pobres, não podiam ter nem porco nem onagro na loja escura, e outra dando para a escada interna, estreitos degraus de madeira que ligavam ao primeiro piso.

– Até amanhã...

– Até amanhã... E não te apoquentes! Aquilo não tem importância. Mesmo nenhuma!

Ele falava assim, mas estava, também, enervado, sobretudo pelo mal-estar que sentia em Idalina, ao despedir-se. Decidiu de repente:

– Vou dar a salvação aos teus pais.

E, com ela adiante, temerosa do que iria acontecer, meteu às escadas. A senhora Januária, que estava para o fundo da habitação, ao pressentir a entrada da filha, admoestou de lá, com sua voz roufenha:

– Boas horas de voltar, não haja dúvida!

Ao ver, porém, a cabeça dele emergir na abertura do soalho, retraiu-se:

– Ah, tu vens também!...

– Nosso Senhor lhes dê boas-noites. Como têm passado?

– Vem com Deus. Cá vamos indo... E tu?

– Não há mal que me chegue... Vaso ruim não quebra...

A senhora Januária, cinquenta anos bem contados, pele arregoada e tão escura que nem a de uma cambojana, avançava para ele:

– O meu homem terá gosto em ver-te. Não queres subir?

O piso em que se encontravam era formado por uma divisão estreita, atravancada com duas arcas de pinho, alfaias agrícolas e roupas velhas dependuradas. Ao fundo estava um quarto – simples tapume contornando, rente, a cama, como era costume nas casas

pobres. Horácio lançou-lhe um olhar, condutor de voluptuosas ideias, por saber que Idalina dormia ali. Mas já a senhora Januária fazia gesto de lhe franquear a outra escada, como se lhe tivesse aberto uma porta. Ele começou a subir, por entre os irmãos mais novos de Idalina, que, tendo sentido presença estranha, haviam corrido de cima, aglomerando-se nos degraus.

– Estás muito crescido... E tu também... E tu também... – ia-lhes dizendo.

O segundo piso, todo negro de fuligem, era ocupado pela cozinha, sem chaminé, e um outro quarto, maior do que o de baixo, pois além da tarimba conjugal havia nele, a um dos lados, uma enxerga sobre o soalho, para as crianças. E como nas demais casas de operários, jornaleiros e pastores da vila, os dois andares, com estreitura de corredor, terminavam num meio forro, sob a telha vã, para o qual se marinhava por uns escadotes de vindimas. Ali, a uma banda, se espalhavam as batatas que a família pudesse cultivar e, na outra, dormiam, sobre palha, os filhos mais velhos.

O tio Vicente, fraco de ouvidos, só deu pelo Horácio quando este e a senhora Januária se puseram em frente do seu nariz. Estava deitado no quartelho, de porta aberta, esperando a hora da ceia. Saltou da cama:

– Viva! Já sabia que tinhas vindo. E, então, como te deste por lá?

Os outros irmãos de Idalina, o Romão, o Zeca, já uns homens, aproximaram-se também. Ele cumprimentou-os, inquiriu da saúde de todos, e, à medida que ia contando a sua vida na tropa, ia dobrando, dobrando cada vez mais, sob nascente covardia, a ideia que o fizera, de súbito, trepar ali. «Não, não diria nada nessa noite. Tinha de pensar primeiro como havia de dizer aquilo. Era conversa para depois, quando tivesse arranjado novo trabalho e se encontrassem sozinhos, sem o Romão e o Zeca».

Estavam todos de pé e o tio Vicente puxou um banco:

– Não queres sentar-te?

– Não, muito obrigado. Hoje não posso demorar-me. Já é tarde. Vim apenas para os ver.

Começou a desandar para a escada, falando ainda. Pareceu-lhe, porém, que Januária farejava na alma dele, pois ao topar os seus olhos vira-os com uma expressão incerta, vagamente pesquisadora, que não lhe conhecia.

Idalina esperava-o no primeiro piso. Sussurrou-lhe:

– Disseste-lhes alguma coisa?

– Não. Fica para outro dia. Olha: se tiveres ocasião, diz-lhes tu...

A luz do candeeiro projectou na parede, deformando-a, a sombra da mão dele ao afagar, de partida, a face de Idalina.

Já na rua, de dedos nos bolsos e passo vagaroso, Horácio começou a assobiar. «Não fora grande coisa o dia da sua chegada. Pensara que Idalina acharia logo bem a resolução dele e, afinal, tivera de gastar um ror de tempo para a convencer. E, ainda assim, parecia que ela não estava lá muito convencida...»

O «Piloto» continuava a seu lado. Depois, adiantou-se e meteu a cabeça a uma porta que se encontrava apenas encostada e que, com a sua passagem, se entreabriu. Horácio entrou também e subiu os degrauzitos que davam para o primeiro andar, sobre a loja destinada ao «vivo» – aos animais domésticos – como nas outras casas.

– Que fumaceira! – protestou, ao chegar acima.

Mal via a mãe acorçada sobre a pedra onde o fogo começava a pegar. Mais adiante, sentado num cepo de carvalho, o pai cosia as solas de uns velhos sapatos. O senhor Joaquim não era sapateiro, mas sobrava-lhe jeito para aquilo. Remendos, meias-solas, tacões, tudo quanto não exigisse máquina, punha-os tão bem e com maior pontualidade do que os profissionais de banca e tripeça à porta, seus inimigos de língua solta, porque ele, assim sentado em casa, sem pagar contribuições, trabalhava mais barato. Para o tio Joaquim aquilo constituía ocupação apenas de horas vagas, pois nas outras, a menos que fosse semana de pastorear o gadito próprio e o alheio, ele cuidava das duas courelas que possuía ao pé da encosta ou alugava os seus braços para a terra de outrem.

Horácio tirou o chapéu e, passeando os olhos desde a figura do pai até as negras paredes da cozinha, disse, como se falasse sozinho:

– Está tudo na mesma...

De tarde, ao regressar de Lisboa, nem reparara na casa, como-vido como se encontrava. Agora, aquela cena lembrava-lhe todos os começos de noite que ele passara ali, na infância, até ser pastor do Valadares, e nos dias que antecederam a sua partida para a vida militar.

O velho Joaquim ergueu os olhos da sola que cosia:

– Está na mesma o quê?

– Isto. Tudo isto. É tal-qual como quando eu abalei...

– Então tu querias que estivesse diferente?

– Não, não. Digo isto por dizer...

Voltou a olhar a quadra, toda negra e suja, com uma cama de ferro lá ao fundo, onde dormiam os pais, uma arca rústica, a cantareira com pratos e tigelas, sobre a lareira o caniço para as castanhas e, em frente, a porta do seu quarto. Ao lado da porta, os safões, o alforge, o capote e o seu chapéu de pastor, como se ele, durante a sua ausência, tivesse ficado, sem corpo, dependurado naquele prego.

Família pequena, a casa era também mais acanhada do que a maioria das outras: contava apenas a loja e aquele pisito por cima, onde eles cozinhavam e dormiam, onde se instalara a vida deles. Havia electricidade na vila, mas nenhuma casa pobre a tinha; a luz, à noite, dava-a um candeeiro de petróleo ou trémula candeia de azeite.

Horácio sentou-se em frente do pai e ficou calado, de braços sobre as coxas, as mãos soltas entre as pernas, a cabeça vergada. A ideia de se casar e de viver num casebre assim atafegado e sombrio, parecia-lhe, agora, ainda menos aceitável do que quando, momentos antes, a repelira junto de Idalina.

– Pois há diferença, há – afirmou, lentamente, o tio Joaquim. – Tu é que não reparaste. Estou mais velho... Quando tu foste, ainda eu via bem e agora mal enxergo o buraco da sovela. Fazem-me falta uns óculos, mas não tenho tido dinheiro...

Horácio tornou a olhar o pai. Estava, com efeito, mais engelhadito, as costas mais dobradas. Só a mãe, abanando pachorrentamente o lume, que começava a levantar cristas sob a panela, parecia não ter sofrido alteração alguma. Há dez anos que ela dir-se-ia insensível ao tempo, com sua tez queimada pelo sol, as faces secas, de ossos salientes, os lábios pregueados sob um nariz pequeno. O povo, ao vê-la trafegar na vida dura, fosse nas suas territas, fosse a auxiliar os demais, a troco de alguns escudos, dizia que ela, apesar dos seus sessenta anos bem contados, havia de assistir ao enterro de todos os moradores da vila. «Qual! – protestava a senhora Gertrudes. – Cada vez tenho mais brancas!» Protestava, mas, no fundo, sentia orgulho da sua resistência. «Lá feita de manteiga, como essas raparigas de agora, não era ela, isso não, louvado fosse Nosso Senhor!»

– Dê-me um tição, mãe.

A senhora Gertrudes passou-lhe um garaveto a arder.

– Resolvi adiar o casamento... Combinei, agora, com a Idalina... – disse Horácio, acendendo o cigarro.

– Adiaste o casamento? – estranhou a velha. O pai, de sovela na mão e um sapato entre as pernas, olhava também para ele, surpreendido. – Não seria mau, não, porque isso sempre traz despesas e agora não nos fazia jeito –olveu a senhora Gertrudes. – Mas por que adiaste?

Ele narrou, então, a sua ambição – aquela casita que trazia nos olhos, o seu desejo de começar a vida de casado num lugar airoso e limpo, para eles e para os filhos. O pai, sem o interromper, ia aprovando com a cabeça. A senhora Gertrudes, de olhos fixos nele, parecia suspensa não do que ouvia, mas do que ele ainda não dissera. E quando Horácio se calou, perguntou-lhe:

– Olha lá! E como vais arranjar isso?

Era a segunda vez que, naquela tarde, ele tinha de defrontar-se com a mesma interrogação – a mesma dúvida na boca da mãe e na de Idalina. Mas a sua confiança em si próprio continuava, absoluta. Estendeu os braços com as mãos fechadas e sorriu:

– Com estes! Pois como há-de ser? Tenho cá umas ideias... Vou entrar para as fábricas ou arranjar um emprego...

– Mas como?

– Depois se verá!

A senhora Gertrudes esperou, algum tempo, que ele adiantasse mais. Mas como Horácio prosseguisse nos seus modos reservados, ela ergueu-se e caminhou para a pequena mesa. Apertou algumas couves na mão esquerda e, com uma faca, começou a cortá-las.

– Então tu pensas deixar o Valadares?

– Pois! Não é guardando o rebanho dele que levantarei cabeça...

– Mas ele contava contigo. Tinha-se combinado que ele não meteria outro moço, para que tu não ficasses à boa vida quando voltasses...

– Está bem... Se eu arranjar outro trabalho, dou-lhe uma desculpa.

– O Valadares não vai ficar satisfeito e com razão. Para poder guardar o lugar para ti, ele não tem pastor. São os filhos que têm tomado conta do gado. E como os rapazes lhe faziam falta nas terras, teve de pagar a jornaleiros...

Horácio cortou:

– Eu não gosto do Valadares, mãe! Há muito tempo que não gosto dele. Nunca disse nada, porque vossemecê, sempre que eu fazia alguma queixa, não me ligava importância; dizia que eu era um fedelho e que não sabia o que era a vida. Mas vossemecê está enganada. Se ele guardou o lugar para mim, não foi pelos meus bonitos olhos, nem para me fazer favor. Foi no interesse dele. Ele mesmo, às vezes, dizia que não havia ninguém como eu para saber fazer queijos e tratar bem o rebanho...

– Parece que te estragaram, lá na vida militar... Estás com uma vaidade! Se o Valadares dizia isso é porque é boa pessoa e gostava de ti. Outro, mesmo que fosse verdade, calava-se.

– É... gostava de mim! Duas vezes que lhe pedi aumento de soldada, não me deu nem mais um chavo. Acostumou-se a pagar-me como quando eu era garoto, quando comecei a acompanhar o tio Luís – e nada! Vossemecê bem sabe o trabalho que teve para ele me dar mais alguma coisa quando eu fiz dezanove anos. Foi preciso vossemecê ir lá com choradeiras...

– Eles também não são ricos – desculpou a senhora Gertrudes. – Têm aquelas terras que lhe tomam todos os braços e por isso não podem cuidar do gado. Mas não é que a riqueza por lá abunde...

– Vossemecê já pensou quanto eles teriam de pagar, agora, por um moço que fosse para o meu lugar? Pouco, que isto de ser pastor é uma desgraça, mas com certeza muito mais do que a mim. Se eu puder deixá-lo, deixo-o! Eu já tinha resolvido isso mesmo antes de ir para a tropa. Estava só à espera de arranjar outra coisa. Pois como é que eu poderia manter uma casa com o que ele me paga? Mesmo que arrendasse uma courela para a Idalina amanhã, não podíamos viver só com isso e a minha soldada. Não é verdade?

A senhora Gertrudes não disse nada. Pôs as couves num alguidar, lavou-as e, por fim, meteu-as na panela. O pai debruçara-se mais sobre o sapato, mostrando-se mui atento aos buracos que ia abrindo com a sovela. Horácio estranhava-os. Nunca eles haviam defendido assim o Valadares, que, embora pequeno proprietário, era um dos três únicos donos de ovelhas que fruíam alguma prosperidade em terras de Manteigas.

A senhora Gertrudes tapou a panela, tornou a espevitar o lume e, depois, foi fechar as janelas que abrira pouco antes, para saída do fumo. Quando voltou, colocou-se em frente do filho, as gretadas mãos postas sobre as ancas, os braços em forma de asas de cântaro, como era seu costume sempre que se exaltava ou tinha de falar com solenidade a alguém.

– Pode ser que tu tenhas razão... Não digo que não... Mas nós não podíamos adivinhar o que tu tinhas resolvido. O teu pai adoeceu, esteve à morte. Nunca te mandei dizer toda a verdade, para não te afligir. Mas eu pensei que tu nunca mais o verias. Até cá veio o doutor, oito vezes. E os remédios custavam uma fortuna. Foi-se tudo o que tínhamos, que bem pouco era. Vendi todas as nossas ovelhas. Ficámos reduzidos às três cabras. E eu precisava ainda de mais quinhentos mil réis. Um dia, botei-me até aí à casa desse malandro do Rufino. Pensei que ele ainda tivesse uns restos de coração, mas aquilo é pior do que um cigano. Prometi que lhe pagaríamos em dois anos. Ele respondeu-me que emprestar,

não emprestava; mas que não tinha dúvida em comprar, por três contos, a nossa courela que está pegada às suas terras. Eu vi logo a intenção dele. Como não tínhamos querido vender aquilo das outras vezes, mesmo quando ele oferecera quatro contos, o maroto, ao ver-nos com a corda na garganta, queria aproveitar-se da ocasião. Eu, então, disse-lhe que guardasse para ele todo o seu dinheiro. Que eu preferia atirar-me, viva, à cova onde enterrassem o meu homem, do que ver a nossa courela nas mãos dele! E preferia!

A senhora Gertrudes fez uma pausa e deu outro tom à sua voz:

– As lágrimas que eu chorei depois, quando vim para casa! Foi, então, que me lembrei do Valadares. Mais ruim do que o Rufino não podia ser. Fui até lá. Ele recebeu-me bem e emprestou-me os quinhentos mil réis, para descontar nas tuas soldadas...

– O quê?! Nas minhas soldadas?

– Pois foi... Eu não podia adivinhar... Se soubesse que tu não querias voltar para casa dele, eu não tinha aceitado isso...

– Então foi o Valadares quem falou em descontar?

– Eu prometi-lhe, como ao Rufino, que pagaria em dois anos. Mas ele disse-me: «Não vale a pena incomodar-se. Desconta-se nas soldadas do rapaz».

Horácio levantou-se e caminhou até o janelo que a mãe havia fechado. Abriu-o e nele meteu a cabeça a receber o ar de fora. Tornou a cerrá-lo.

– Quer dizer que eu tenho, agora, de trabalhar para ele um ror de meses... Se eu já não tivesse resolvido adiar o casamento, tinha agora de o adiar por isto...

A mãe não respondeu. Mas o pai, que até aí se conservara em silêncio, um silêncio humilde, como se ele, por haver estado doente, fosse o culpado de tudo aquilo, disse:

– Não vale a pena ralares-te. Nós tínhamos pensado, em último caso, vender a courela, para tu casares. Se quiseres, vende-se. Não ao Rufino, claro, mas a outro qualquer... Com tempo, sempre se há-de arranjar quem fique com ela... Assim como assim, essas territas eram para ti...

Horácio fez um gesto negativo. Ele sabia que os pais dificilmente poderiam viver sem aqueles dois degraus abertos na anca da montanha, alguns metros de chão onde cultivavam centeio e batatas, seu principal alimento. Com isso, os tostões da sovela, alguns jornais que ganhavam e o rendimento das onze ovelhas, se mantinham. Agora, vendidos os bichos, bem teriam de apertar a barriga, pois sem o dinheiro da lã e do queijo não poderiam mercar todas as coisas precisas numa casa, mesmo o pão, já que o das courelas mal chegava para quatro meses.

– Não quero... Foi para a sua saúde, está bem. Mais que fosse!

A mãe olhou-o, inquiridora:

– Que pensas fazer?

Não respondeu. Sentou-se e prolongou a sua mudez, um minuto atrás de outro e outro e outro, com o lume crepitando e a senhora Gertrudes a soltar, de vez em quando, um suspiro. Finalmente, ergueu a cabeça:

– Ainda demora muito a ceia?

– Está quase pronta.

Vendo-o assim preocupado, o pai, ansioso de desanuviá-lo, meteu-se a contar história avulsa. Ele mal o ouvia. Consultara o relógio e impacientara-se: «Eram quase nove horas; come e não come, não saía dali antes das nove e meia. Quando chegasse, o vigário era capaz de já estar deitado». O pai sentia que ele pensava noutra coisa, mas continuava o seu monólogo, com aquela voz débil e afável que parecia pedir desculpa de falar.

Sentaram-se, por fim, à mesa. Ele soprou a sopa, comeu, soprando de novo, e, quando chegou ao pão e ao conduto, devorou-os mais rapidamente ainda. Com a última fula a dilatar-lhe a face esquerda, abalou.

Em breve palmilhava a estrada que dividia a vila em duas partes. Meteu a uma ruela que ali desembocava, dobrou a segunda e enfiou noutra ainda. De passagem, reconheceu, ao longe, a voz de Aníbal, que falava num grupo; tinha vontade de o ver, de o abraçar, seu amigo desde os ninhos, mas não se deteve.

A casa do padre Barradas, toda de granito bem cortado, nua de cal como parede de bastião, mas aligeirada na severidade por

dois vasos de sardinheiras em cada janela, parecia adormecida na rua sossegada. Uma lâmpada de iluminação pública, que existia em frente, lavava-lhe toda a fachada e não deixava perceber, por frincha de porta ou de ventana, se lá dentro havia também luz ou se estavam todos deitados. Horácio hesitou e, depois, bateu, timidamente, com a aldrava. Aguardou, aguardou, sempre de ouvido à escuta, mas não ouviu ruído algum. Considerou que se já não era muito cedo, muito tarde não era também, tanto que o relógio de Santa Maria não dera ainda as dez; pensou que, sem saber a resposta do padre Barradas, não podia buscar outro rumo para a sua vida e, assim impelido, bateu, de novo, com mais força. Sentiu, então, lá dentro, uns passos que se acercavam lentamente. Pouco depois, a porta abria-se e, na sua frente, recortava-se a senhora Alice, ama do abade, com gestos pesados e fofas carnes nos seus quarenta anos.

Ele salvou-a, humildemente, desejoso de colher-lhe a simpatia àquela hora que tinha por molesta.

– Eu precisava de falar ao senhor vigário... Ele já sabe o que é... Se não fosse muito incómodo...

Alice advertiu:

– O senhor vigário, com certeza, já não pode falar-lhe hoje. Mas eu vou ver...

Desandou e, pouco depois, voltou:

– É o que eu tinha dito. O senhor vigário diz que venha amanhã...

– A que horas?

– Bom... Ele não me disse. Mas o melhor será aparecer por aí de tarde...

Horácio agradeceu, pediu de novo desculpa de haver incomodado, lançou desejo de boa noite e partiu. Ia calcorreando as pedras, contrariado: «Assim, já não podia aproveitar a camioneta, no dia seguinte, para a Covilhã, se aquilo não desse resultado. E outra camioneta só havia dali a três dias».

Ainda não dobrara a esquina, quando ouviu um «pst!», «pst!», «pst!», cada vez mais forte, rasgando o sossego da rua. Voltou-se.

A senhora Alice estava outra vez à porta e acenava-lhe, para que retrocedesse.

Logo que ele se aproximou, ela disse-lhe:

– O senhor vigário esteve a pensar que, amanhã, tem o dia todo tomado. Depois da missa, tem de ir às suas terras do Sameiro. E, à noite, há a novena. Que você entre agora...

Ele sentiu alma nova, embora turbada pela emoção que lhe dava o entrar, pela primeira vez, na casa do pároco. Alice ia à frente, no corredor, com as suas grandes nádegas estremeando, à direita e à esquerda, conforme o movimento das pernas. À porta que estava iluminada, ela deteve-se:

– Entre.

Ele avançou e logo viu o padre Barradas, que procurava adaptar-se, comodamente, ao cadeirão de braços onde acabava de se sentar, com um palito nos dentes. Era homem mais forte, mais entroncado ainda do que a sua ama. Tinha na cara redonda, de faces e nariz avermelhados, uns olhitos pequenos e vivos, que contrastavam com os seus lábios grossos, descaídos e levemente austeros. Contava cinquenta e quatro anos, mas Horácio, que dele recebera a comunhão em criança, e a ele se confessara várias vezes, sempre o tivera por um homem velho.

Agora, o padre Barradas, ouvidos os cumprimentos, perguntava, tirando o palito da boca:

– Quando chegaste?

– Saiba o senhor vigário que cheguei hoje mesmo.

O padre considerou-o de alto a baixo e afirmou, amável:

– Fez-te bem a tropa. Até parece que crescestes mais! E aprendeste a ler e a escrever bem, dizes-mo na tua carta...

– O senhor vigário desculpe o meu atrevimento. Se calhar ela está cheia de erros... – Hesitou, pôs-se a rodar a aba do chapéu entre os dedos e, como o padre fizesse um gesto de absolvição e dissesse «não, erros não dei por eles», animou-se: – Eu peço muita desculpa. Mas estive a pensar e vi que não tinha mais ninguém a quem fazer um pedido assim. Ainda andei vai e não vai para escrever directamente ao senhor Martins, a ver se ele me metia lá

na sua fábrica... Mas depois disse, cá de mim para mim, que, sem um empenho, o senhor Martins decerto não faria nada. Por isso escrevi ao senhor vigário, que é o amigo dos pobres...

Sentia-se perturbado. Desde pequeno habituara-se a respeitar o padre, que lidava com as coisas divinas, fizera estudos, pertencia a outra classe e exercia vasta influência na sua freguesia – metade da vila que era como um condado. Quando ele se encontrava no quartel, esse prestígio do abade esmorecera com a distância, tanto mais que outro recruta, o Jangada, anticlerical, não passava dia sem lhe contar histórias mariolas de frades e de curas. Agora, porém, de pé em frente do padre Barradas, que continuava sentado e com as suas mãos gordas e macias pousadas nos braços da poltrona, o antigo respeito volvia a renascer, tolhendo-lhe os gestos e dificultando-lhe as palavras. O pároco escutava-o, atentamente, mas, à medida que ele tartamudeava, ia pondo uma cara de desconsolo. Por fim, comunicou-lhe:

– Eu tratei de fazer-te a vontade, logo que recebi a tua carta. Falei ao senhor Martins, como me pedias. Também falei ao senhor Fragoso e, ainda ontem, toquei no caso ao senhor Cabral. Mas todos eles me disseram mais ou menos a mesma coisa. Têm os quadros cheios e não precisam de mais pessoal. Antigamente, eles metiam quantos aprendizes quisessem, mas agora não podem meter mais de vinte por cento em relação ao número de operários. Tu compreendes? Se uma fábrica tem cem operários e empregados, não pode ter mais de vinte aprendizes... Percebeste?

Horácio fez um gesto afirmativo. O padre Barradas continuou, com expressão desolada:

– Eu tenho muita pena de não poder ser-te útil. Ainda pensei em falar com mais alguns industriais, mas o senhor Cabral disse-me que era tempo perdido. Como os patrões têm de pagar quatro dias de salário por semana, mesmo que não haja trabalho para os operários, ninguém quer ter gente que não seja absolutamente indispensável. Além disso, os outros industriais pertencem à outra freguesia e os da outra freguesia, como sabes, não gostam de fazer nada em favor da nossa...

O padre calou-se. Em frente dele, sempre de pé, Horácio ficou silencioso, de olhos postos no chão. Tão imóvel estava que a própria aba do seu chapéu deixara de lhe rodar entre os dedos, com aquele movimento inconsciente que ele lhe dera até ali.

— Olha lá! —olveu Barradas, como se houvesse tido um súbito pensamento. — Por que queres deixar a vida de pastor? Uma vida tão bonita, que até os santos gostavam dela e os poetas antigos a cantavam! — A voz do padre tornara-se mais doce, evocativa, como se ele próprio sonhasse: — O céu por cima, o ar livre, o nascer do sol visto lá do alto... À noite, as estrelas... Não tens visto figuras de pastorinhos, com suas flautas, nos altares e nos presépios? Não há dúvida que os poetas antigos tinham razão!

— Eu queria casar-me — disse Horácio — e, por isso, é que pensei mudar de vida. A guardar gado não ganho o suficiente. Ainda se as ovelhas fossem minhas ou os meus pais tivessem alguma coisa de seu... Mas, como o senhor vigário sabe, o que temos e nada é a mesma coisa... Vejo-me um homem, quero trabalhar e não sei o que hei-de fazer. Os meus pais não puderam dar-me estudos, mas, agora, que aprendi alguma coisa, tinha pensado...

O padre Barradas, depois de um ligeiro bocejo, interrompeu:

— Bem. Tu lá tens as tuas razões. Não quero contrariar-te. Desta vez não tiveste sorte, mas podes ir descansado que, se aparecer alguma coisa, eu não me esquecerei de ti. Não queres um copo de vinho? Ó Alice! Alice!

— Não, muito obrigado, não quero!

— Toma! Toma! Eu vou deitar-me, que amanhã tenho de me levantar cedo.

Padre Barradas bocejou de novo e levantou-se. Horácio repetiu:

— Eu agradeço muito ao senhor vigário. Se eu tivesse aqui outra pessoa, não o teria incomodado. Mas assim...

— Não incomodaste nada. Vai com Deus! — E para Alice, que aparecia à porta: — Dá aqui um copo de vinho...

Ele saiu da sala, humilde, modesto, cabeça baixa, com a sensação de se encontrar no fundo de um poço, respirando mal. No corredor, disse:

— Eu não quero vinho, senhora Alice. Muito obrigado, mas não tenho vontade.

A ama insistia, empurrando-o para a cozinha:

– Ande lá! Ande lá! Uma pinga não faz mal a ninguém.

Já com o copo na mão e enquanto Alice punha uma fatia de queijo sobre a fatia de pão que cortara, ele pensou: «Talvez aquilo fosse desejo de Nosso Senhor, para bem dele. Sempre ouvira dizer que a indústria da Covilhã era muito mais importante do que a de Manteigas. Lá os teares eram de ferro e muitos teciam fio de estambre; ali eram de pau e só havia fio cardado. Por mor disso, os tecelões da Covilhã ganhavam mais do que os de Manteigas. E talvez o Manuel Peixoto ou o padrinho lhe conseguissem alguma coisa, pois a Covilhã já era uma cidade grande».

Mais aliviado do pesadume e com a esperança de novo a bulir-lhe na alma, olhou, enquanto bebia, as prateleiras pintadas de branco, os grandes tachos de cobre areado, para o dia do sarrabulho, as panelas e caçarolas esmaltadas, dúzias de pratos, várias malgas e, ao fundo, o grande fogão, tudo muito em ordem, tudo muito limpo, a bem dizer dos cuidados da senhora Alice. Os olhos fugiam-lhe para aquilo. «Assim é que ele gostaria de ter uma cozinha. Não precisava de ser tão grande, nem com tantas coisas, nem com tanto luxo, mas assim aseada como a do senhor vigário, que era mesmo um gosto vê-la».

«E, assim, nas fábricas e nos humildes casebres da cidade quase ignorada do Mundo, a meia encosta da brava serra de lobos, os homens das lãs iam vivendo também as angústias e as esperanças universais.»

Horácio, jovem pastor de Manteigas, volta à Serra depois da tropa em Lisboa decidido a mudar de vida. Deixar o pastoreio, fugir da miséria e empregar-se numa fábrica de tecelagem é o sonho que lhe permitirá ter uma vida digna junto de Idalina, e formar uma família só sua. Ascende à condição de operário e casa-se, mas vê-se obrigado a viver num casebre. A lã é também um trabalho duro. O horizonte continua estreito. Entretanto, a guerra rebenta e outros operários nutrem a esperança de um mundo melhor para os deserdados da fortuna...

Um dos livros de maior sucesso do autor, *A Lã e a Neve* é, indiscutivelmente, um dos grandes romances da literatura portuguesa do século XX, com o estatuto de clássico intemporal: ao mesmo tempo crónica de um regime político e social que marcou o nosso país, e romance de formação onde a paisagem se funde com o homem.



Foto do autor: © San Payo, 1930



cavalos de ferro